

PINTANDO IMAGENS DE MULHERES NOS CARTÕES DE JOSÉ DEL CASTILLO E DE FRANCISCO DE GOYA: HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE

Suely Reis Pinheiro

No colorido e delicado bordado dos tapetes, pode-se admirar toda uma história de identidade e de resistência das mulheres na Espanha. De temática histórica, bíblica, literária, mitológica e de costumes, a tapeçaria ilustra, com seus belos matizes, cenas do sagrado e do profano, onde a figura feminina é representada nos mais diferentes papéis: Deusa mãe, heroína, vulgar, vítima, trabalhadora da cidade, do campo. Ocupando, pois, espaços públicos e privados, a presença da mulher ajuda a contar, sob a trama da tapeçaria, cenas que são, ao longo da história, verdadeiros testemunhos do cotidiano das diversas sociedades.

Áulica, por natureza, a tapeçaria se singularizava por seu caráter móvel, uma vez que podiam ser transportadas por ocasião de solenidades públicas, para enriquecer os ambientes, já que sempre foram signos de poder e de majestade dos reis.

Mulheres sempre vítimas da fé cristã, vivendo sob o duplo signo de Eva pecadora e a santidade de Maria, sofreram as várias tentativas de lhes tirar a confiabilidade, através de situações, frases e provérbios bíblicos. Durante a Idade Média e princípios do Renascimento, ainda com o ranço propagado pela igreja como a desgraça do mundo, a presença da mulher ocupa o lugar de coadjuvante, cheia de santidade, nessas tapeçarias de devoção, com a proteção do manto da Virgem. Dessa maneira, o caráter alegórico-bíblico dos tapetes tinha a finalidade de refletir conteúdo dos textos contemporâneos de padres e predicadores da igreja. Afinal, estamos na época da Contra-reforma.

De complexidade iconográfica, os *paños*, que tecem a história, aludem a cenas secundárias, que estão ao lado da principal, com retratos de reis e rainhas, em total conjunção do divino e do humano. Os tapetes de devoção trazem novamente a idolatria da igreja católica, tão condenada pela Reforma de Lutero. São, eles, verdadeira propaganda eclesial da Contra-reforma que permitiu que a arte representasse um papel de alto interesse qual seja o de conceber na adoração divina sua fidelidade à tradição cristã.

Nos séculos XV e XVI, a tapeçaria recupera o retablo gótico e dirige o foco para o reviver religioso, o misticismo, a ânsia do espiritual e a subestimação do corpo.

Na época do Renascimento e do Barroco, no meio da incoerência temática, põe-se a nu a figura da mulher e surge a representação feminina da mulher modelo nas alegorias. A Eva eterna agora desafia a ordem de Deus, a ordem do mundo como símbolo em combates e conquistas. A ela é dada a concepção mágica

das forças da natureza e os mistérios maléficos são afastados. Personagens mitológicos ou sem grandes virtudes dividem o mesmo espaço, nos tapetes, com homens venerados, onde a mulher começa a ter seu espaço.

Chegamos ao século XVIII, quando os palácios se vestem de tapetes tecidos sobre cartões desenhados pelos principais pintores da corte. O Neoclassicismo trouxe luzes para iluminar os caminhos das mulheres na obra de José de Castillo e de Francisco de Goya. José de Castillo, pintor adornista, injustamente desconhecido, cujos tapetes muitas vezes confundidos com os de Goya, têm, no conjunto de suas obras, um importante acervo de cartões para tapetes onde protagoniza damas aristocráticas, *majas*, mulheres do povo, floristas, *naranjeras*. Um belo exemplo de sua arte, que apresenta uma ampla galeria de motivos populares, está em *La Dama y el Majo* e *El Albaniquero*, obras alegres e luminosas.



La dama y el majo

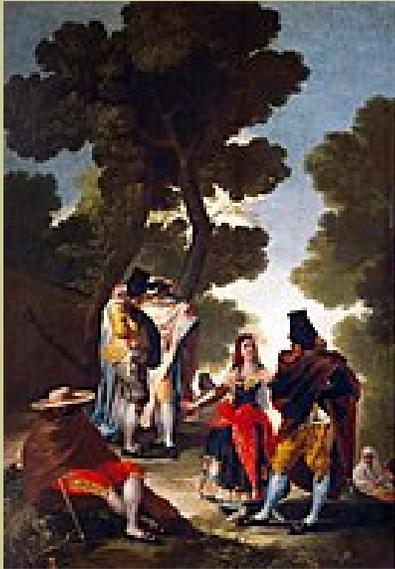


El albaniquero

Os velhos valores hispânicos foram questionados e criticados, no século XVIII. A classe nobiliária deixa pouco a pouco de ser referente social. Com Goya, as mulheres saem do espaço celestial e baixam definitivamente à terra. Contrariamente à Idade Média, os cartões de cenas de costumes de Goya trazem à luz uma nova imagem da mulher, com suas frivolidades, gestos sensuais, onde se encontram mulheres de todas as classes sociais. São 52 tapetes que se encontram

no Museu do Prado e que representam a época de maior esplendor da manufatura da *Real Fábrica de Tapices*.

O cartão para tapete *La Maja y los Embozados* apresenta uma mulher ao ar livre que, rodeada por quatro homens escondidos sob as capas, é o centro de atenção. Percebe-se que o tom da cena é de galanteio com um certo erotismo camuflado.



La maja y los embozados

O *Quitasol* sugere uma mulher, muito coquete, que se veste à maneira francesa com uma capa, lenço no pescoço e com um cachorrinho em seu colo. Segura um leque que no século XVIII servia como um meio para iniciar uma conversa. Este cartão, no qual Goya quis fazer uma referência clara à vaidade, é um belo canto à juventude, centrando sua atenção no sorriso da moça e no seu gesto sedutor. Olhando abertamente o espectador, nos coloca, ela, como participantes do galanteio, onde há ainda um jovem com uma sombrinha de cor verde que a protege do sol.



El quitasol

Os tapetes de Goya, embora dirigidos a um

público culto e erudito, são de temas populares, de costumes, de festas e de diversão, o que indicia uma sutil crítica à nobreza e à burguesia. Nesses anos em que a Ilustração desaparecia, se começa a mostrar conflitos políticos e culturais e, cada vez mais, na Espanha, se farão claras as contradições entre a vida oficial e a real. Surge então *Las Lavanderas*, representando cinco mulheres, felizes, alegres, livres, junto à natureza que lhes o bonito cromatismo nas suas faces. O trato amável de Goya para com a simplicidade dos personagens de classe baixa, onde duas realizam o trabalho, enquanto uma cochila e outras duas jogam, vai de encontro à reputação de tal profissão.



Las lavanderas

Sob o olhar masculino dos pintores, o que se reflete é a figura da mulher e sua posição na sociedade. Diversas facetas vistas em duplo olhar, duas realidades, dois mundos em confrontação, a semi-realidade, a simultaneidade de ação e amplitude de cenário.

A mulher participou da ordem do mundo sempre em duas cenas, “ritualizando” ações, como o simbolismo do bordado, subindo e baixando, criando e recriando, fazendo e desfazendo. A trama dos tapetes assim nos contou e Minerva, deusa da sabedoria, do progresso, da intelectualidade e das artes assim nos assegurou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A LA MANERA DE FLANDES: tapices ricos de la corona de España, Salas de Exposiciones Temporales, Palacio Real, Madrid, 2002.

HAGEN, Rose Marie & Rainer. *Francisco de Goya*. Editora Tasschen, Alemanha

HAUSER, Arnold. *Historia Social da Literatura e da Arte*. Editora Mestre Jou, São Paulo, 1982.

COSTA, Cristina. *A Imagem da Mulher: um estudo da arte Brasileira*. Senac Rio, Rio de Janeiro, 2002.

HISTÓRIA GERAL DA ARTE. Ediciones del Prado, Fernando Chinaglia Distribuidores, Rio de Janeiro, 1996.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. Editora UNESP, São Paulo, 1998.

DE SAMBRICIO, Valentin. *José Del Castillo*. Instituto Diego Velásquez, del Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1958.